

# a última mentira

kimberly belle

Tradução de Ester Cortegano

Este é para Kristy Barrett, linda por dentro e por fora.



## CAPÍTULO UM

**A**cordo quando uma mão serpenteia em volta da minha cintura, puxando-me e encostando-me de cabeça aos pés contra pele aquecida pelo sono. Suspiro e encosto-me à forma familiar do meu marido, encaixando a parte de trás do meu corpo à parte da frente do dele e absorvendo o seu calor. Will é uma fornalha, quando dorme, e há sempre um pedaço de mim que está frio. Esta manhã são os meus pés, e enfió-os entre dois gémeos quentes.

— Tens os dedos dos pés gelados. — A voz dele ressoa no quarto escuro, os sons a vibrarem pelo meu corpo. Do outro lado das cortinas do nosso quarto ainda não é bem manhã; é aquele momento, tingido de violeta, entre noite e dia, ainda uma boa meia hora antes de o despertador tocar. — Tinhas os pés de fora da cama, ou coisa do género?

Estamos no início de abril, e as frias mãos de março ainda se recusam a abdicar do seu poder. Nos três últimos dias, céus carregados de chumbo têm despejado uma chuva interminável, e um vento frígido tem feito as temperaturas descerem bem abaixo da média. Os meteorologistas previram pelo menos mais uma semana deste frio, e Will é a única criatura em Atlanta que o recebe abrindo as janelas de par em par. O seu termostato interno está sempre ligado no máximo.

— É porque tu insistes em dormir num iglu. Acho que tenho queimaduras de gelo em todas as extremidades.

— Chega aqui. — Os dedos dele deslizam pelo lado do meu corpo, a mão a puxar-me mais contra si. — Vamos lá aquecer-te.

Ficamos ali deitados mais um pouco, num silêncio confortável, o braço dele a envolver-me a cintura, o queixo na dobra do meu ombro. Will está pegajoso e húmido do sono, mas não me importo. Estes são os momentos que mais aprecio, momentos em que os nossos corações e movimentos respiratórios se encontram em sincronia. Momentos tão íntimos como fazer amor.

— És a minha pessoa preferida no planeta — murmura-me ao ouvido, e sorrio. Estas são as palavras que escolhemos no lugar do mais comum *Amo-te*, e para mim significam muito mais. Sempre que saem da sua boca, atingem-me como uma promessa. És a pessoa de quem mais gosto, e sempre serás.

— Tu também és a minha pessoa preferida.

As minhas amigas garantem-me que isto não vai durar para sempre, esta ligação que sinto com o meu próprio marido. Em alguma altura, a familiaridade há de atenuar as chamas e, de repente, vou dar por mim a reparar noutros homens. Vou pintar as faces e dar brilho aos meus lábios por desconhecidos sem nome e sem rosto que não são o meu marido, e vou imaginá-los a tocar-me em sítios a que apenas um marido devia ter acesso. A tentação dos sete anos, chamam-lhe as minhas amigas, e eu nem sequer consigo imaginar tal coisa, porque, hoje — sete anos e um dia —, a mão de Will desliza pela minha pele e a única tentação que sinto é por ele.

As minhas pálpebras fecham-se, o toque da mão dele a convocar um formigueiro que me diz que provavelmente vou chegar atrasada ao emprego.

— Iris? — sussurra ele.

— Hummm?

— Esqueci-me de mudar os filtros do ar condicionado.

Abro os olhos.

— O quê?

— Eu disse que me esqueci de mudar os filtros do ar condicionado.

Rio-me.

— Bem me parecia que tinhas dito isso. — Will é um brilhante cientista informático com traços de PHDA<sup>1</sup>, e o seu cérebro está sempre tão atualizado de factos e informação que se esquece com frequência de pequenas coisas... só não costuma acontecer durante o sexo. Atribuo esta exceção a um período invulgarmente atarefado no trabalho, combinado com o facto de ele estar a caminho de uma conferência de três dias na Florida, fazendo

---

<sup>1</sup> Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção. (N. da T.)

com que a sua lista de coisas-para-fazer desse dia seja mais comprida do que o habitual. — Podes mudá-los no fim de semana, quando voltares.

— E se ficar calor antes disso?

— Não há previsões de aumento da temperatura. E, mesmo que aconteça, de certeza que os filtros podem esperar mais um par de dias.

— E o teu carro também precisa de uma mudança de óleo. Quando foi a última vez que o levaste à oficina?

— Não sei.

Will e eu dividimos as obrigações domésticas em torno das linhas de género. Os carros e a manutenção da casa são o seu departamento, cozinhar e limpar são o meu. Nenhum de nós se importa muito com esta divisão do trabalho. A universidade ajudou-me a ser feminista, mas o casamento ensinou-me a ser prática. Fazer lasanha é muito mais agradável do que limpar as caleiras.

— Vai ver as faturas, está bem? Estão no porta-luvas.

— Tudo bem. Mas porquê esta súbita preocupação com as tarefas? Já te fartaste de mim?

Sinto o que sei ser o sorriso de Will a desenharem-se contra as costas da minha cabeça.

— Talvez seja a isto que todos os livros sobre a gravidez se referem por «fazer o ninho».

A felicidade dispara no meu peito ao lembrar-me do que estamos a fazer — o que talvez já tenhamos feito — e viro-me para o fitar.

— Não posso estar já grávida. Ainda só estamos oficialmente a tentar há menos de vinte e quatro horas.

Ontem, uma vez antes do jantar, duas a seguir. Talvez tenhamos exagerado um pouco na nossa primeira sessão oficial de fazer-bebés, mas há que dizer em nossa defesa que fazíamos anos de casados e que Will é um clássico superador de objetivos.

Vejo os seus olhos cintilar de autossatisfação. Se houvesse espaço entre os nossos corpos para ele bater no peito, era possível que o tivesse feito.

— Tenho a certeza absoluta que os meus homenzinhos são bons nadadores. Provavelmente já estás grávida.

— Duvido — digo, embora aquelas palavras me deixem com uma pequena tontura. Will é o membro mais prático deste relacionamento, aquele que mantém a cabeça fria perante o meu otimismo de tipo Labrador. Não lhe digo que já fiz as contas. Já fiz um estudo do meu ciclo, contando os dias desde o meu último período, cartografando-o numa aplicação no

meu telemóvel, e Will tem razão. Posso muito bem ter já engravidado. — A maior parte das pessoas oferece lâ ou cobre pelo seu sétimo aniversário. Tu dás-me esperma.

Ele sorri, mas de uma forma nervosa, aquele olhar com que costuma ficar quando fez alguma coisa que talvez não devesse ter feito.

— Não é a única coisa.

— Will...

No ano anterior, por insistência dele, enterrámos todas as nossas poupanças e uma significativa parcela do nosso rendimento mensal numa hipoteca que nos deixaria, essencialmente, sem dinheiro para mais nada. Mas, oh, que casa aquela. A nossa casa de sonho, uma vitoriana de três quartos numa rua sossegada de Inman Park, com um grande alpendre na frente e madeiramentos originais. Entrámos pela porta e Will teve de a comprar, mesmo que isso significasse que metade das divisões ficariam vazias durante o futuro previsível. Aquele teria de ser um aniversário sem presentes.

— Eu sei, eu sei, mas não consegui evitar. Queria comprar-te uma coisa especial. Uma coisa para recordares para sempre este momento, em que somos só nós os dois. — Ele vira-se, acende o candeeiro, puxa uma pequena caixa vermelha da gaveta da mesa de cabeceira e oferece-ma com um sorriso tímido. — Feliz aniversário.

Até eu conheço *Cartier* quando o vejo. Não há um grão de pó naquela loja que não custe mais do que aquilo que podemos pagar. Quando não faço um gesto para abrir a caixa, Will puxa o fecho com um polegar e levanta a tampa para revelar três aros unidos, um deles a cintilar com fileiras e fileiras de minúsculos diamantes.

— É um anel triplo. Rosa para o amor, amarelo para a fidelidade e branco para a amizade. Gostei do simbolismo dos três: tu, eu e o futuro bebé. — Pestanejo para conter as lágrimas, e Will ergue-me o queixo com um dedo, fazendo-me olhá-lo de frente. — O que foi? Não gostas?

Passo um dedo sobre as brilhantes pedras brancas que cintilam contra a pele vermelha. A verdade é que Will não podia ter escolhido uma peça melhor. O anel é simples, sofisticado, arrebatador. Exatamente aquilo que eu teria escolhido, se tivéssemos todo o dinheiro do mundo para gastar, coisa que não temos.

E, no entanto, quero este anel muito mais do que deveria — não porque é belo e caro, mas porque Will o escolheu com tanto cuidado para mim.

— Adoro-o, mas... — Abano a cabeça. — É demasiado. Não temos dinheiro para isto.

— Não é demasiado. Não para a mãe do meu futuro bebé. — Ele retira o anel da caixa e coloca-o no dedo. É fresco e pesado e cabe perfeitamente, abraçando-me a pele como se tivesse sido feito para a minha mão. — Dá-me uma menina que seja igualzinha a ti.

O meu olhar perde-se pelos planos e ângulos do rosto do meu marido, prendendo-se em todas as minhas partes favoritas. A fina cicatriz que lhe corta a sobrancelha esquerda. Aquele alto na cana do nariz. O queixo largo e quadrado e os lábios grossos e beijáveis. Os seus olhos estão ensonados, o cabelo despenteado e o queixo áspero com a barba por fazer. De todos os seus hábitos e disposições de espírito, de todos os seus lados que vim a conhecer, amo-o mais quando está como naquele momento: doce, de coração mole, despenteado.

Sorrio-lhe por entre as lágrimas.

— E se for um rapaz?

— Nesse caso, vamos ter de continuar até eu ganhar a minha menina. — Conclui isto com um beijo, uma longa e demorada pressão dos lábios sobre os meus. — Gostas do anel?

— Adoro. — Envolve-lhe o pescoço com o braço, os diamantes a cintilar por cima do seu ombro. — É perfeito, e tu também és perfeito.

Ele sorri.

— Talvez fosse melhor fazermos mais um ensaio antes de eu me ir embora, só pelo sim, pelo não.

— O teu voo é daqui a três horas.

Mas os lábios dele já estão a desenhar um rasto de beijos pelo meu pescoço abaixo, a mão a deslizar cada vez mais para baixo.

— E então?

— E está a chover. O trânsito vai ficar um inferno.

Ele deita-me de costas, prendendo-me o corpo à cama com o seu.

— Então é melhor despacharmo-nos.





## CAPÍTULO DOIS

**A**s propinas na Lake Forrest Academy, a exclusiva escola básica e secundária num frondoso subúrbio de Atlanta onde trabalho como psicóloga, são de uns impressionantes 24 435 dólares por ano. Assumindo uma inflação de cinco por cento, treze anos nestes sagrados corredores custam mais de quatrocentos mil por criança, e isto é antes de terem posto sequer um pé num campus universitário. Os nossos alunos são os filhos e filhas de cirurgiões e diretores executivos, banqueiros e empresários, pivots de noticiários de cadeias televisivas e atletas profissionais. São uma tribo privilegiada, uma elite, e o mais complexo grupo de miúdos que se poderia imaginar.

Entro pelas portas duplas um pouco depois das dez — umas boas duas horas atrasada, graças à não-assim-tão-rapidinha de Will e a um prego no pneu pelo caminho — e percorro o corredor atapetado. O edifício está em silêncio, o tipo de silêncio que apenas pode existir quando os alunos estão nas salas de aula, escudados por detrás dos seus *MacBooks* novos em folha.

Quando dobro a esquina, não fico muito surpreendida ao encontrar alguns alunos do décimo primeiro ano reunidos à porta do meu gabinete, as cabeças inclinadas sobre os seus aparelhos eletrónicos. Os alunos sabem que tenho uma política de porta aberta e usam-na com frequência.

Mas depois outros saem da sala de aulas em frente, com as vozes

erguidas de excitação, e o alarme que ouço nelas cola-me as solas dos sapatos à alcatifa.

— O que se passa? Porque é que não estão na aula?

Ben Wheeler ergue o olhar do seu *iPhone*.

— Acabou de cair um avião. Dizem que levantou voo de Hartsfield.

O terror comprime-me o peito, e o meu coração para de bater. Apoio-me a um cacifo.

— Que avião? Onde?

Ele encolhe um ombro escanzelado.

— Não há muitos pormenores.

Abro caminho por entre o aglomerado de alunos e salto para detrás da minha secretária, estendendo as mãos a tremer para o rato.

— Vá lá, vá lá — sussurro, acordando o computador do seu estado de hibernação. A minha mente anda às voltas com o que consigo recordar dos detalhes do voo de Will. Já passavam trinta minutos da hora da descolagem, e ele devia estar neste momento a passar algures perto da fronteira da Florida. De certeza — de certeza — que o avião que caíra não podia ser aquele que o levava. Por favor, quais eram as probabilidades de isso acontecer? Milhares de aviões descolam do aeroporto de Atlanta todos os dias e não caem do céu sem mais nem menos. De certeza que está toda a gente bem.

— Doutora Griffith, sente-se bem? — pergunta Ava, uma delgada aluna do décimo ano, à minha porta, e as suas palavras mal conseguem rasgar o rugido nos meus ouvidos.

Ao fim de uma eternidade, o meu *browser* abre-se e eu escrevo CNN, no motor de pesquisa, com os dedos rígidos e desajeitados. E depois rezo. *Por favor, Deus, por favor, não deixes que seja o do Will.*

As imagens que me encham o ecrã alguns segundos mais tarde são horríveis. Pedacos arrancados de um avião despedaçado por uma explosão, um campo queimado salpicado com detritos fumegantes. O pior tipo de acidente, daqueles em que ninguém sobrevive.

— Coitadas das pessoas — sussurra Ava por cima da minha cabeça.

A náusea forma-se, queimando-me o fundo da garganta, e vou passando a página para baixo até encontrar os detalhes do voo. Liberty Airlines Voo 23. O ar abandona-me com um ruidoso sopro, e o alívio transforma-me os ossos numa papa.

Ava passa uma mão hesitante pelos meus ombros.

— Doutora Griffith, o que se passa? Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Eu estou bem. — As palavras saem-me da boca semiformadas e ofegantes, como se os meus pulmões ainda não tivessem sido notificados. Sei que me devia sentir mal pelos passageiros do Voo 23 e as suas famílias, por aquelas pobres pessoas desfeitas em pedaços sobre um campo de milho no Missouri, pelas famílias e amigos que iam descobrir como eu, pelas redes sociais e aquelas horríveis imagens nos seus ecrãs, mas, em vez disso, sinto apenas alívio. O alívio percorreu-me como um *Valium*, forte, rápido e sublime.

— Não era o avião do Will.

— Quem é o Will?

Passo ambas as mãos pelas faces e tento respirar para dissipar o pânico, mas ele resiste, quer ficar por perto.

— O meu marido. — Ainda tenho os dedos a tremer, o coração acelerado, por mais vezes que me diga que não foi o avião do Will. — Ele vai a caminho de Orlando.

Os olhos da rapariga dilatam-se.

— Pensou que o seu marido ia naquele avião? Bolas, não admira que se tivesse ido abaixo.

— Eu não me fui abaixo, só... — Encosto uma palma ao peito e inspiro profundamente. — Para que fique registado, a minha reação não era desproporcional com a situação. O medo tremendo como aquele que experimentei produz um forte pico de adrenalina e o corpo reage. Mas já estou bem. Vou ficar bem.

Falar disto em voz alta, pôr a minha resposta fisiológica em termos científicos, solta qualquer coisa no meu peito, e o palpar na minha cabeça abranda para um ocasional pulsar. *Graças a Deus que não foi o avião do Will.*

— Ei, não a estou a criticar. Já vi o seu marido. Grande brasa. — Atira a mochila para o chão, afunda-se na poltrona do canto e cruza as pernas demasiado nuas para o regulamento da farda. Como todas as outras raparigas naquela escola, Ava dobra a cintura da saia até a bainha atingir alturas de prostituta. O seu olhar desce para a minha mão direita, ainda encostada ao peito em alvoroço. — Esse anel é mesmo bonito, já agora. É novo?

Baixo a mão para o colo. Claro que Ava tinha de reparar no anel. É possível até que saiba exatamente quanto custa. Ignoro o elogio, concentrando-me antes na primeira metade da sua resposta.

— Quando é que viu o meu marido?

— Na sua página de Facebook. — Ela sorri. — Se eu acordasse ao lado dele todas as manhãs, também chegava atrasada ao emprego.

Faço-lhe um olhar de repreensão.

— Por muito que esteja a gostar desta conversa, não devia voltar para a aula?

Os seus bonitos lábios cor de rosa curvam-se numa careta. Até de sobrolho franzido, Ava é uma rapariga espantosa. Dolorosa, assombrosamente bonita. Grandes olhos azuis. Pele cor de pêssegos e creme. Longos e brilhantes caracóis acobreados. E é inteligente, e tremendamente engraçada, quando quer. Podia ter qualquer rapaz naquela escola... e tem. Ava não é esquisita e, a acreditar no Twitter, é uma conquista fácil.

— Baldei-me a Literatura — diz, cuspidando as palavras num tom usualmente reservado às crianças pequenas.

Faço-lhe o meu sorriso de psicóloga, amigável e não crítico.

— Porquê?

Ela suspira e revira os olhos.

— Porque estou a evitar quaisquer espaços fechados onde tenha de respirar o mesmo ar que a Charlotte Wilbanks. Ela odeia-me e, deixe-me que lhe diga, o sentimento é mútuo.

— Porque é que acha que ela a odeia? — pergunto, embora já saiba a resposta. Anteriormente as melhores amigas, a zanga entre Charlotte e Ava era longa e bem documentada. O que quer que tenha desencadeado o seu ódio há tantos anos foi há muito esquecido, enterrado por baixo de um milhão de *tweets* ofensivos e de mau gosto que levavam a expressão «rapariga malvada» a todo um novo nível. Segundo o que tinha visto pelas publicações da véspera, a última disputa tinha a ver com o colega de ambas, Adam Nightingale, filho da lenda da música *country* de nome Toby Nightingale. No último fim de semana, tinham vindo a lume fotografias de Ava e Adam agarrados num bar de sumos ali próximo.

— Sei lá. Porque sou mais bonita, se calhar. — Brinca com uma unha perfeitamente tratada, um gel amarelo-vivo que parece ter sido pintado no dia anterior.

Como a maior parte dos miúdos daquela escola, os pais de Ava dão-lhe tudo o que o seu coração possa desejar. Um descapotável novo em folha, viagens em primeira classe para destinos exóticos, um cartão Platinum AmEx e a sua bênção. Mas prodigalizarem estes presentes não é o mesmo que dar atenção à filha, e, se fossem eles a estar sentados na minha frente, eu encorajá-los-ia a estabelecer um melhor exemplo. A mãe de Ava é uma socialite de Atlanta com a notável capacidade de assobiar para o lado de cada vez que o pai de Ava, um cirurgião plástico conhecido pela cidade como «O

Tipo das Mamas», é apanhado a apalpar uma rapariga com metade da sua idade, o que acontece com frequência.

A minha formação ensinou-me a ver natureza e educação como fatores iguais, mas este emprego ensinou-me que a educação vence sempre. Em especial a falta dela. Quanto mais insuportável for o pai, mais insuportável é o miúdo. É mesmo tão simples quanto isto.

Mas também acredito que toda a gente, até os piores pais e os miúdos mais desajustados, possui alguma qualidade redentora. A de Ava é que ela não consegue, simplesmente, ser de outra forma. Os pais fizeram-na assim.

— De certeza que, se pensares um pouco mais, consegues lembrar-te de uma razão melhor para a Charlotte...

— Toc, toc. — O diretor da escola secundária, Ted Rawlings, preenche a ombreira da minha porta. Alto e magricela, com uma coroa de apertados caracóis escuros, Ted faz-me lembrar um caniche, um caniche que é sério em tudo exceto na escolha das gravatas. Deve ter centenas de peças horríveis, sempre com um tema escolar e sempre ridículas, mas nele, de alguma forma, conseguem apenas parecer encantadoras. A versão de hoje é um poliéster amarelo-vivo coberto com equações de física.

— Calculo que já saibas do desastre de avião.

Faço um aceno com a cabeça, o meu olhar a dardejear para as imagens no monitor do computador. Aquelas pobres pessoas. Pobres famílias.

— Alguém nesta escola há de conhecer alguém naquele avião — diz Ava. — Esperem só para ver.

As palavras provocam-me um arrepio na espinha, porque ela tem razão. Atlanta é uma cidade grande mas uma pequena aldeia, um sítio onde os graus de separação entre as pessoas tendem a ser curtos. As hipóteses de alguém ali ter alguma relação com uma das vítimas não é pequena. Suponho que o melhor que possa esperar é que não seja um membro da família ou amigo próximo.

— Os alunos estão ansiosos — diz Ted. — O que é compreensível, claro, mas não me parece que alguma turma esteja a conseguir trabalhar como deve ser. Estava a pensar que, com a tua ajuda, talvez se pudesse transformar esta tragédia num tipo diferente de oportunidade de aprendizagem. Criar um lugar seguro para os nossos alunos falarem do que aconteceu e fazerem as perguntas que quiserem. E, se aqui a menina Campbell tiver razão, se alguém de Lake Forrest tiver perdido um ente querido no acidente, estaremos já a postos para oferecer qualquer apoio moral de que precisem.

— Parece-me uma ótima ideia.

— Excelente. Ainda bem que podemos contar contigo. Vou convocar uma reunião no auditório e nós os dois podemos dirigir a discussão.

— Com certeza. Dá-me só um minuto ou dois para me preparar e já vou lá ter.

Ted tamborila rapidamente com os nós dos dedos na porta e volta a sair. Com a aula de Literatura oficialmente cancelada, Ava pega na mochila e revista-a por uns segundos enquanto eu procuro um pó compacto na gaveta da minha secretária.

— Tome — diz ela, despejando uma mão cheia de produtos de maquilhagem de marca na minha secretária. *Chanel, Nars, YSL, Mac.* — Sem ofensa, mas parece-me estar a precisar disto bem mais do que eu. — A rapariga suaviza as suas palavras com um sorriso ofuscante.

— Obrigada, Ava. Mas eu tenho a minha maquilhagem.

Mas Ava não recolhe os seus produtos. Fica a passar o peso do corpo de um pé para o outro, uma mão a contorcer a alça da sua mochila. Morde o lábio e olha para os seus sapatos, e penso que, por baixo de toda aquela fanfarronice e bravata, ela pode ser, na verdade, tímida.

— Estou mesmo contente por não ser o avião do seu marido.

O alívio, desta vez, é de crescimento lento, e envolve-me de calor, como o corpo adormecido de Will naquela mesma manhã. Instala-se como a luz do Sol sobre pele nua.

— Eu também.

Assim que ela desaparece, pego no meu telefone e ligo o número de telemóvel de Will. Sei que ele não pode atender ainda na próxima hora, mas preciso de ouvir a sua voz, mesmo que seja apenas uma gravação. Os meus músculos relaxam ao ouvir o som suave, familiar.

*Olá, ligou para Will Griffith. Neste momento...*

Espero pelo *bip*, recostando-me na minha cadeira.

— Olá, amor, sou eu. Sei que ainda estás a voar, mas acabou de se despenhar um avião logo depois de levantar voo de Hartsfield. Passei quinze segundos de terror a pensar que podia ter sido o teu, e só precisava de... Sei lá, de ouvir de viva voz que estás bem. Sei que é um disparate, mas liga-me assim que aterrases, sim? Os miúdos estão-se a passar um bocado, por isso vou estar no auditório, mas prometo que atendo logo. Bom, tenho de ir, mas falo contigo daqui a pouco. És a minha pessoa preferida, e já estou com saudades tuas.

Enfio o telefone no bolso e dirijo-me para a porta, deixando a maquilhagem de Ava onde ela a despejara, numa pilha sobre a minha secretária.

## CAPÍTULO TRÊS

Sentado ao meu lado no palco do auditório, Ted alisa a gravata com uma mão e fala para a sala cheia com os alunos da secundária.

— Como todos vocês sabem, o Voo 23 da Liberty Air, que partiu do aeroporto internacional de Hartsfield-Jackson com destino a Seattle, Washington, despenhou-se há pouco mais de uma hora. Presume-se que todas as cento e setenta e nove pessoas a bordo faleceram. Homens, mulheres e crianças, pessoas como vocês e eu. Convoquei-vos aqui para podermos conversar sobre o tema em grupo, aberta e honestamente, sem criticar ninguém. Tragédias como esta podem deixar-nos demasiado conscientes dos perigos do nosso mundo. Das nossas próprias vulnerabilidades, de como a vida pode ser frágil. Esta sala é um lugar seguro para fazermos todas as perguntas, e chorarmos, e fazermos o que quer que precisem para processar o que aconteceu. Vamos todos combinar que aquilo que acontecer neste auditório fica neste auditório.

Qualquer outro diretor de escola secundária apelaria a um minuto de silêncio e mandaria os miúdos voltarem ao trabalho. Ted sabe que, para os adolescentes, a catástrofe tem precedência sobre Cálculo, e é porque ele vê tudo, o bom e o mau, como uma oportunidade de aprendizagem que os estudantes o seguem sem questionar.

Olho para os cerca de trezentos miúdos que constituem o corpo de



alunos da secundária de Lake Forrest, e, tanto quanto consigo intuir, estão solidamente divididos ao meio — metade dos estudantes parece assustada com as imagens de um avião cheio com os talvez-vizinhos a cair do céu, os outros, agitados com uma tarde inteira de aulas canceladas. As suas conversas excitadas ecoam pelo espaço cavernoso.

A voz de uma rapariga ergue-se do meio do público.

— Então, isto é assim uma espécie de terapia de grupo?

— Bem... — Ted lança-me um olhar interrogativo, e eu baixo a cabeça num aceno afirmativo. Se há um espaço por onde os alunos de Lake Forrest se sentem à vontade para circular, é o da terapia, de grupo ou não. Os nossos alunos são daqueles que têm os números de telemóvel dos psicólogos nas suas teclas de marcação rápida. — Sim. Exatamente como terapia de grupo.

Agora que sabem o que aí vem, os alunos parecem descontraír, cruzando os braços e recostando-se melhor nas suas cadeiras confortáveis.

— Ouvi dizer que foi um ataque terrorista — diz alguém do fundo do auditório. — Que o ISIS já veio dizer que foram eles.

Jonathan Vanderbeek, um finalista que está por uma unha negra para conseguir formar-se, virou-se no seu assento na primeira fila.

— Quem é que te disse isso, a Sarah Palin?

— Li num *retweet* da Kylie Jenner.

— Brillhante — comenta Jonathan com um ronco de troça. — Porque as Kardashians são especialistas na segurança da nação.

— Bom, bom — diz Ted, apelando à ordem com alguns toques no microfone. — Não vamos fazer escalar a situação repetindo boatos e conjecturas. Tenho estado a assistir às notícias com toda a atenção e, para além do facto de ter caído um avião, não há, na realidade, nenhuma notícia. Ainda ninguém disse a *razão* por que o avião caiu nem quem ia a bordo. Isso só vai acontecer depois de contactarem com os familiares próximos. — As suas três últimas palavras, os familiares próximos, atingiram a sala como uma bomba. Ficam a pairar no ar, quentes e pesadas, durante um ou dois segundos. — Adiante, vamos todos concordar que existem fontes noticiosas mais credíveis do que o Twitter, certo?

Um pequeno fungo de troça ergueu-se da fila da frente.

Ted abanou a cabeça numa reprimenda muda.

— Muito bem. A doutora Griffith tem algumas coisas que gostaria de dizer e depois irá conduzir-nos numa discussão. Entretanto, vou estar a ver o *site* da CNN no meu portátil e, assim que a companhia aérea der mais

informações, faço uma pausa na conversa e leio-a em voz alta para termos todos a mesma informação atualizada. Parece-vos um bom plano?

Acenos de cabeça pela sala. Ted passa-me o microfone.

Gostava de poder dizer que passei as horas seguintes de olhos fixos no meu telefone, à espera da chamada de Will, mas, setenta e seis minutos após o desastre, apenas ao fim de dez minutos de discussão e uns bons quinze antes da hora estabelecida para a primeira declaração oficial da parte da companhia aérea, a CNN anuncia que a equipa de lacrosse da escola secundária Wells Academy, todos os membros mais os treinadores, estavam entre as 179 vítimas. Aparentemente, iam a caminho de um torneio.

— Oh, meu Deus. Como é possível? Jogámos com elas mesmo na semana passada.

— Na semana passada, idiota. Foi o que acabaste de dizer. O que significa que tiveram tempo suficiente entre essa altura e esta manhã para irem apanhar um avião.

— Tu é que és idiota, ó idiota. Estou a dizer que perdemos o jogo que deu a Wells um lugar no torneio. Faz as contas.

— Só um momento — digo, as palavras a cortarem o ar no auditório antes que a discussão pudesse escalar ainda mais. — A incredulidade é uma reação normal à notícia da morte de um amigo, mas a fúria e o sarcasmo não são bons mecanismos para se lidar com a perda, e tenho a certeza que toda a gente aqui o sabe.

Os miúdos trocam olhares contritos e descaem ainda mais nos seus assentos.

— Ouçam, eu sei que é fácil escondermo-nos por detrás de emoções negativas, em vez de confrontarmos esta noção do azar que recaiu sobre os nossos amigos e colegas — digo, o meu tom a suavizar-se. — Mas é normal que estejam confusos ou tristes ou chocados ou até vulneráveis. Estas são todas reações normais a uma notícia tão chocante, e ter uma conversa aberta e honesta vai ajudar-nos a todos a superar os nossos sentimentos. *Okay?* Bom. Aposto que a Carolina não é a única aqui a pensar na última vez que viu uma das jogadoras da Wells. Mais alguém esteve no jogo?

Uma por uma, mãos erguem-se, e os alunos começam a falar. A maior parte dos relatos não é mais relevante do que «mesmo campo, mesma hora», mas é evidente que os miúdos estão assombrados com a proximidade, em especial as jogadoras de lacrosse. Se tivessem vencido aquele jogo, se

Lake Forrest tivesse sido a escola a conquistar um lugar no torneio, podiam facilmente ter sido as nossas jogadoras a seguir naquele avião. Controlar a conversa ocupa cada pedaço da minha concentração até pouco depois da uma, quando fazemos uma pausa para um almoço tardio.

Os alunos saem e eu puxo o meu telemóvel do bolso, franzindo o sobrolho para o ecrã ainda vazio. Will aterrou há mais de uma hora, e ainda não ligou, não enviou nenhuma mensagem, não *nada*. Onde raio se meteu?

Ted passa uma mão pelo meu braço.

— Tudo bem?

— O quê? Ah, sim. Estou só à espera que o Will me ligue. Ele voou para Orlando esta manhã.

Os olhos de Ted tornam-se enormes, e as suas faces estremecem de compaixão.

— Bem, isso explica a tua cara quando fui ao teu escritório esta manhã. Deves ter apanhado um enorme susto.

— Sim, e foi a pobre Ava que apanhou comigo. — Agito o telemóvel no ar entre nós. — Vou só ver se o consigo apanhar.

— Claro, claro. Vai lá.

Salto do palco e percorro a ala central, ligando o número de Will ainda antes de ter passado pelas portas duplas. Lake Forrest está construído como um campus universitário, com meia dúzia de edifícios cobertos de hera espalhados por um campus de um acre, e eu sigo o caminho de pedra que conduz ao edifício da escola secundária. A chuva parou, mas nuvens baixas cor de chumbo ainda enchem o céu e um vento gelado provoca-me arrepios na pele. Aperto mais a camisola contra o peito e apresso-me a subir as escadas para as portas duplas, entrando para o calor no preciso momento em que sou atendida pelo *voicemail* de Will.

Raios.

Enquanto espero pelo *bip*, faço-me um pequeno discurso de encorajamento. Digo-me para não me preocupar. Que há alguma explicação muito simples para ele não ter ligado. Os últimos meses têm sido particularmente tensos no emprego e ele não tem dormido bem. Talvez esteja a dormir uma sesta. E é verdade que aquele homem se distrai facilmente, o típico cromo das tecnologias que nunca parece concentrar-se numa coisa de cada vez. Imagino-o a marcar o meu número e depois a esquecer-se de carregar em ligar. Imagino-o a socializar com os manda-chuvas da conferência junto à piscina do hotel, alheio ao telefone a vibrar na sua mão. Ou talvez seja uma coisa tão simples como ter ficado sem bateria, ou ter-se esquecido do

telemóvel no avião. Penso em todas estas coisas e quase sinto o gosto da alegria.

— Olá, querido — digo para o telefone, tentando não deixar que a preocupação se infiltre no meu tom de voz. — Só queria saber como estás, confirmar se está tudo bem. Já deves estar no hotel, por esta altura, mas suponho que tenhas pouca rede, ou coisa do género. Seja como for, liga-me assim que tiveres um segundo. Este desastre deixou-me um bocado nervosa, e quero mesmo ouvir a tua voz. *Okay*, falamos em breve. És a minha pessoa preferida.

No meu gabinete, dirijo-me de imediato para o computador e abro o meu *email*. Will enviou-me os detalhes da conferência há meses, mas tenho mais de três mil *mails* na minha caixa de correio e nenhum bom sistema para os organizar. Ao fim de algum tempo de busca, encontro aquele que estava à procura.

De: w.griffith@appsec-consulting.com  
Para: irisgriffith@lakeforrestacademy.org  
Assunto: FW: Cibersegurança para Ativos Críticos: Uma Cimeira de Informação

Olha só! Sou o orador principal de quinta-feira. Só espero que eles não adormeçam, como tu fazes sempre que eu falo de trabalho. Bjs

Will M. Griffith  
Engenheiro de Software  
AppSec Consulting, Inc.

A minha pele arrepia-se de alívio, e sinto-me justificada. As palavras estão aqui, preto no branco. Will está em Orlando, são e salvo.

Clico no anexo e abre-se um prospeto de uma conferência. A fotografia de Will surge mais ou menos a meio, ao lado de uma caixa onde se publicita o seu currículo no que diz respeito à gestão do risco. Carrego em imprimir e escrevo o nome do hotel da conferência num *post-it*, depois volto ao meu *browser* para procurar o número de telefone. Estou a copiá-lo quando o meu telefone toca e a cara da minha mãe ilumina o ecrã.

Uma punhalada de desconforto atinge-me o peito. Terapeuta da fala, a minha mãe sabe o que é trabalhar num ambiente escolar. Sabe que os

meus dias são uma loucura, e nunca me liga para o trabalho a não ser que se trate de uma situação de vida ou morte. Como a altura em que o meu pai acertou num buraco com o pneu da frente da bicicleta e descreveu um mortal, aterrando com tanta força no asfalto que rachou a clavícula e partiu o capacete ao meio.

Razão pela qual atendo agora a chamada com um «O que se passa?».

— Oh, querida. Acabei de ver a notícia.

— Sobre o acidente? Eu sei. Temos estado a lidar com isto toda a manhã aqui na escola. Os miúdos estão bastante perturbados.

— Não, não era isso que queria dizer. Bem, não propriamente... Estava a falar do Will, querida.

Alguma coisa na forma como ela disse isto, a maneira cuidadosa e cheia de rodeios com que está a perguntar mas sem perguntar pelo Will, faz com que todos os pelos no meu corpo se ponham em sentido.

— O que é que tem o Will?

— Bem, para começar, onde é que ele está?

— Em Orlando, numa conferência. Porquê?

A força do suspiro da minha mãe para o microfone perfura-me o tímpano, e sei como ela se devia estar a esforçar para se conter.

— Oh, graças a Deus. Eu sabia que não podia ser o teu Will.

— De que é que estás a falar? Quem é que não podia ser o meu Will?

A resposta dela é abafada pela ruidosa interrupção de uma aluna.

— O senhor Rawlings disse-me para lhe dizer que acabaram de emitir uma lista de nomes. — Ela grita as palavras para dentro do meu escritório, como se eu não estivesse mesmo ali sentada, a um metro de distância, e ao telefone. Faço-lhe um chiu e enxoto-a com uma mão.

— Mãe, começa do princípio. Quem é que não é o meu Will?

— O William Matthew Griffith que estão a dizer que estava no avião.

*Não é o meu marido* borbulha desde o mais fundo de mim, desde algum local profundo e primitivo. O meu Will estava noutra avião, noutra companhia aérea, até. E, mesmo que não estivesse, a Liberty Airlines já teria ligado. Não iriam emitir o nome sem me notificarem — a sua esposa, a sua pessoa preferida no planeta — primeiro.

Mas, antes que possa dizer à minha mãe qualquer uma destas coisas, o meu telefone toca com outra chamada, e as palavras no ecrã fazem parar o meu coração.

*Liberty Airlines.*

## CAPÍTULO QUATRO

Com uma mão a tremer, desligo a chamada da minha mãe e atendo a da Liberty Airlines.

— Estou? — Tenho a garganta presa, e a minha voz sai rouca e desmaiada.

— Estou, poderia falar com Iris Griffith, por favor?

Sei porque esta mulher está a ligar. Percebo-o pela maneira como diz o meu nome, pelo tom cuidadosamente neutro e a formalidade profissional, e a minha respiração prende-se.

Mas ela está enganada. Will está em Orlando.

— O Will está em Orlando — ouço-me dizer.

— Perdão... Estou a falar para o número de Iris Griffith?

O que aconteceria se eu dissesse que não? Iria isso impedir que esta mulher dissesse as palavras que eu sabia que ela ligara para dizer? Iria ela desligar e ligar à mulher do outro William Matthew Griffith?

— É a própria.

— Senhora Griffith, o meu nome é Carol Manning e estou a falar da Liberty Airlines. O senhor William Matthew Griffith indicou-a como o seu contacto de emergência.

*O Will está em Orlando. O Will está em Orlando. O Will está em Orlando.*

— Sim. — Agarro a barriga com um braço. — Sou a esposa. — *Sou a esposa. Sou.*

— Minha senhora, lamento informar que o seu marido era um dos passageiros no Voo 23 desta manhã, que se despenhou na rota de Atlanta para Seattle. Presume-se que não haja sobreviventes. — Ela soa como um robô, como se estivesse a ler de um guião. Soa como a Siri a ligar para me dizer que o meu marido morreu.

Os meus músculos deixam de funcionar. O meu tronco cai para a frente, sobre o colo, o meu corpo a dobrar-se ao meio como um ramo partido. O impacto tira-me o ar, que sai de mim com um enorme gemido.

— Sei que isto deve ser um choque, e asseguro-lhe que a Liberty Airlines estará ao seu lado para a apoiar como e sempre que necessitar. Estabelecemos uma linha de apoio e um endereço de *email* para nos contactar a qualquer hora do dia ou da noite. Também haverá atualizações regulares disponíveis no nosso *site*, *www.libertyairlines.com*.

Se diz mais alguma coisa, não a ouço. O telefone cai no chão e, mesmo ali, no meio do meu gabinete atulhado, com a porta a encher-se de alunos de olhos esbugalhados, descaio da minha cadeira e soluço, pressionando ambas as mãos contra a boca para abafar o som.

Dois sapatos grandes entram no meu campo de visão.

— Oh, Iris. Acabei de saber. Tenho tanta, tanta pena.

Olho por entre o meu cabelo para Ted, a sua testa preocupada por baixo dos caracóis caninos, e choro de alívio. Ted é uma pessoa que resolve coisas. Ele saberá o que fazer. Vai ligar a alguém que lhe dirá que é o Will errado, o avião errado, a esposa errada.

Tento recompor-me mas não consigo, e é então que reparo que o meu gabinete está cheio de adolescentes. Já os ouvi reunirem-se no corredor à minha porta, a falar em tom baixo e palavras sussurradas que não deveria ouvir. Palavras como *marido*, *avião*, *morreu*, e sei que devem ter sabido a novidade.

*Não*. Ainda esta manhã, enquanto eu estava a encher as nossas chaves com café, Will foi verificar o tempo em Orlando no seu telefone.

— Mais de trinta graus, hoje — disse, a abanar a cabeça. — E ainda nem sequer é verão. É por isso que nunca vamos viver para a Florida.

Ava observa-me com lágrimas nos olhos.

— O Will está em Orlando — digo-lhe, e o rosto da rapariga emite compaixão.

Fico envergonhada por ela me ver desta maneira, por qualquer um deles

me ver desta maneira, um farrapo enxovalhado e ranhoso no meio do chão. Cubro o rosto com as mãos e desejo que se vão embora. Só queria que me deixassem em paz, todos eles. Que se lixe a minha política de porta aberta.

— Anda cá, deixa-me ajudar-te. — Ted ergue-me do chão e deposita-me na minha cadeira.

— Onde está o meu telefone? Quero tentar outra vez ligar para o Will.

Ele baixa-se, apanha o meu telefone do chão, passa-mo. Nove chamadas perdidas. Sinto o gosto da bÍlis quando vejo que são todas da minha mãe. Nenhuma, nem uma Única, do Will.

— Pessoal, precisamos de um pouco privacidade, pode ser? — Ted olha de relance por cima do ombro. — Fechem a porta quando saÍrem.

Um por um, os miúdos vão saindo, balbuciando as suas condolências. Ava desliza um dedo muito leve pelo meu braço ao passar, e eu estremeço. Não quero a sua compaixão. Não quero a compaixão de ninguém. Compaixão significaria que o que aquela mulher me disse é verdade. Compaixão significaria que Will está morto.

Quando todos saÍram e estamos sozinhos, Ted envolve-me o ombro com uma mão.

— Há alguÉm a quem possa ligar?

Ligar! Eu ia ligar para o hotel. O meu olhar aterra no prospeto da conferência, e arranco-o da minha impressora, acenando-o na frente da cara de Ted.

— Isto! Isto prova que o Will está em Orlando. É o orador principal de amanhã. Ele não estava no avião para Seattle; estava num avião para Orlando. — A esperança desabrocha no meu peito.

— Ele deu entrada no hotel? — diz Ted, mas num tom que me diz que está apenas a fazer-me a vontade.

Com os dedos a tremer, encontro o *post-it* onde escrevi o número e insiro-o no meu telefone. Percebo que Ted não tem muita esperança, que julga que este exercício é uma fútil perda de tempo, e a flagrante tranquilização que lhe reveste a face é-me insuportável. Olho antes para a minha secretária, concentrando-me nas marcas e arranhões que cruzam a sua superfície. O telefone toca, depois toca outra vez.

Ao fim de uma eternidade, uma animada voz feminina atende.

— Westin Universal Boulevard, boa-tarde. Como posso ajudar?

— Quarto de Will Griffith, por favor. — As palavras escapam-se de mim, ásperas e cruas e demasiado rápidas, como um leiloeiro pedrado com *crack*.



— Com certeza — gorjeia a rececionista ao meu ouvido. Tenho a certeza que ela passa a vida a ouvir esposas malucas ao telefone, mulheres atrás de namorados ou maridos transviados. Westin provavelmente tem todo um manual de formação dedicado à maneira de lidar com chamadas como a minha. — Griffith, foi o que disse?

— Sim, Will. Ou pode estar como William, com M. como inicial do nome do meio. — Inspiro fundo e tento acalmar-me, mas a minha perna está aos saltos e não consigo parar de tremer.

Ted despe o casaco e envolve-me os ombros com ele. Sei que é bem-intencionado, mas o gesto parece-me demasiado pessoal, e o tecido cheira a Ted, perfumado e estranho. Quero arrancá-lo de cima de mim e atirá-lo pela janela. Não quero a roupa de homem nenhum a tocar o meu corpo, só a de Will.

A mulher mexe num teclado durante mais alguns segundos.

— Humm. Peço desculpa, mas não encontro nenhuma reserva em nome de Griffith.

Contenho um soluço.

— Verifique de novo. Por favor.

Há uma longa pausa e mais cliques de teclas, mais condescendência. O medo começa a escavar-se pela minha pele a dentro como um parasita, lenta e firmemente, corroendo a minha certeza.

— Tem a certeza que é este hotel Westin? Temos outro em Lake Mary, mesmo a norte da cidade. Posso dar-lhe o número, se desejar.

Abano a cabeça, pestanejando para dissipar as novas lágrimas e conseguir ler a informação do hotel ao fundo do prospecto.

— Estou agora a ver o prospecto da conferência. Diz Universal Boulevard.

A voz dela anima-se.

— Ah, bom, se ele está aqui para uma conferência, talvez eu possa passar a mensagem ao ponto de contacto do organizador. Qual é a conferência?

— Ciber-segurança para Ativos Críticos: Uma Cimeira de Informação.

Ela hesita apenas um ou dois segundos, mas foi tempo suficiente para a bília se acumular na minha garganta.

— Lamento muito, minha senhora, mas não há nenhuma conferência com esse nome neste hotel.

Largo o telefone e vomito para o meu cesto do lixo.

...